

**Pedro H. A. Mascarenhas**  
Médico psiquiatra, psicodramatista,  
psicanalista; professor-supervisor pela  
Federação Brasileira de Psicodrama e  
professor-supervisor do curso SOPSP/PUC

# “O PSICODRAMA DE ADOLF HITLER”, UM PARADIGMA DE GRUPO NA PERSPECTIVA PSICODRAMÁTICA E SUA RELAÇÃO COM A MULTIPLICAÇÃO DRAMÁTICA<sup>1</sup>

## RESUMO

O artigo “O psicodrama de Adolf Hitler”, um paradigma de grupo na perspectiva psicodramática e sua relação com a multiplicação dramática” apresenta uma comparação entre o trabalho clínico de Moreno com o paciente Karl, que tem um delírio de ser Adolf Hitler, e a multiplicação dramática. O modelo de atendimento de Karl é analisado e o conceito de multiplicação dramática é apresentado em suas linhas gerais. Ressalta-se a contribuição que essa linha de pesquisa aponta sobre os estados espontâneos/criativos, o coinconsciente, as aplicações de conceitos semióticos ao psicodrama, o sentido da cura e a indicação específica desse modelo a algumas patologias e tipos de grupo.

## PALAVRAS-CHAVE

Multiplicação dramática, psicodrama, psicoterapia de grupo

## ABSTRACT

The article “The Adolf Hitler’s psychodrama”, one group pattern in psychodrama and the relationship with dramatic multiplication” shows a comparison between Moreno’s clinical work with Karl who has a delirium of being Adolf Hitler and the dramatic multiplication. The pattern of Karl’s attention is analysed and the concept of dramatic multiplication is showed in general lines. It is emphasized the contribution of this line of research about the spontaneity creative states, the co-inconscious, cure’s strategy linked with esthetics pleasure of the collective creation, the semiotics concepts to the psychodrama and the specific indication of this model to some pathologies and kinds of group.

## KEYWORDS

Dramatic multiplication, psychodrama, group psychotherapy

Moreno, na década de 1940 e início de 1950, portanto depois de ter formulado *Fundamentos da Sociometria* e de ter situado claramente o psicodrama dentro das psicoterapias de grupo, apresenta no livro *Fundamentos do Psicodrama* um apanhado sintético de sua obra, mais articulado do que normalmente apresenta. Nesse livro, no capítulo V, descreve o tratamento realizado por volta do início da II Grande Guerra, na cidade de Nova York, de um paciente chamado Karl, com cerca de 40 anos, que acreditava ser Adolf Hitler. O caso é conhecido na literatura como o psicodrama de Adolf Hitler.

A estrutura do atendimento montado consiste em, fundamentalmente, construir um dispositivo grupal para proporcionar dois eixos de trabalho, a saber:

1) aceitar o delírio do paciente, isto é, tratá-lo como Adolf Hitler, no contato direto e proporcionar que o paciente interaja através de egos auxiliares no contexto dramático com os personagens de seu delírio, tais como Goering e Goebbels. Moreno considera que esta foi a pedra angular do tratamento, assim se expressando: "...no caso de nosso pseudo-Hitler, que era extremamente não cooperativo, foi possível aquecê-lo até que atingisse um nível comunicacional, quando um ego auxiliar passou a representar o papel de Goering num episódio relevante em seu mundo psicótico. Assim que estabeleceu o relacionamento com o terapeuta auxiliar, no palco psicodramático, foi capaz posteriormente de desenvolver um relacionamento com a pessoa particular atrás do papel de Goering, pessoa esta que nada mais era do que um simples enfermeiro, com o qual começara espontaneamente a comunicar-se num nível realista." (Moreno, 1983, p.215). Este eixo muito se assemelha às estratégias posteriormente assumidas pela antipsiquiatria.

2) criar um dispositivo grupal – que no caso eram os residentes de psiquiatria – e, mais tarde, a esposa de Karl, que participava intensamente das sessões, compartilhando e dramatizando questões relativas ao surgimento do verdadeiro Hitler da época. Às vezes, o próprio grupo se perguntava se Karl não era o verdadeiro Hitler. O grupo toma frequentemente o espaço central de trabalho, transformando-o em sociodrama da época. Mistura episódios provenientes dos sonhos e delírios de Karl com realidades vivenciadas no aqui e agora do grupo e seu contexto histórico. Nas palavras de Moreno (1983), "Um panorama magnífico do mundo de nossa época emergiu para alívio geral, como se aprisionado no espelho em miniatura que era o grupo" (p.216). Este segundo eixo de trabalho aproxima-se da concepção da multiplicação dramática.

Multiplicação dramática é um conceito formulado por Kesselman, Pavlovsky, Frydlevsky em 1987. É uma maneira de conceber o dispositivo grupal como uma máquina de produção de sentidos, uma estratégia de cura ligada ao prazer da criação coletiva grupal e, também, um tipo de trabalho sequencial grupal que tem as seguintes fases: 1. relato de uma

experiência pessoal; 2. dramatização da cena do protagonista explorada com os recursos necessários; 3. jogos dramáticos criados pelo grupo em estado de espontaneidade/criatividade, inspirados na cena inicial, e improvisações que cada integrante do grupo realiza aproveitando a ressonância que a cena inicial produz.

Neste segundo eixo de trabalho, semelhante à multiplicação dramática, aparecem personagens tais como: figuras das relações familiares de Hitler, que são refletidas no relacionamento correspondente da vida familiar de cada membro do grupo, com cenas que apresentam um Hitler mais humanizado e conflitado; Stalin, Mussolini e outros governantes ou reis da época; soldados anônimos e seus conflitos; vítimas dos campos de concentração; refugiados; estudantes negros do Harlem identificando-se com rebeldes; personagens que personificam nuances de amor e ódio dos preconceitos e da tolerância. Todos os personagens aparecem em igualdade de condições de intensidade com os de Karl. Nas palavras de Moreno: *“Quanto mais o próprio Karl participava daquele drama, mais aprendia a ver seu mundo paranóico particular segundo a perspectiva do mundo maior que, inconscientemente, ele mesmo provocara.”* (1983, p.216). Mais adiante, Moreno afirma: *“O psicodrama de Adolf Hitler tornou-se o psicossociodrama de nossa cultura toda, espelho do século vinte.”* (1983, p.217).

O dispositivo grupal montado muito se assemelha ao da multiplicação dramática. Em termos sequenciais temos primeiro as cenas do protagonista Karl e depois as cenas produzidas pelo grupo a partir da ressonância com o protagonista e com os fatos de sua época. A criação de um estado de espontaneidade/criatividade que atravessa o grupo, incluindo o protagonista, é resultado deste dispositivo todo.

Na linguagem da multiplicação dramática, pode-se dizer que o grupo vai evidenciando diversas versões de Karl, e Karl também vai evidenciando diversas versões das situações da época e daquele grupo social.

Às vezes, não sabemos se as multiplicações foram realizadas por alunos ou se pelo protagonista Karl, tal é a mistura entre psico e sociodrama.

Moreno deixa claro que seu objetivo seria o de criar um dispositivo que fosse capaz de proporcionar elementos para a estruturação de sentimentos, pensamentos, sensações interiores e exteriores, provenientes da realidade ou da imaginação de maneira espontânea e criativa. Um dispositivo que permite a articulação de pontos de vista psicológicos e sociais, sonhos, delírios e fatos da época, humaniza Hitler, faz a plateia chorar e identificar-se com Karl e o verdadeiro Hitler, para trabalhar com estes personagens internalizados. O que aconteceu a Karl ou a Hitler poderia acontecer a qualquer um.

Penso que o caso Adolf Hitler constitui-se um modelo de psicossociodrama de terapia familiar e comunitária para pacientes psicóticos e outros tipos de patologia, que necessitam de um enquadre familiar e comunitário. Além dessa indicação específica, também se constitui um paradigma de grupo de psicodrama em geral.

## QUE LINHAS DE ELABORAÇÃO MORENO DESENVOLVE?

Moreno desenvolve sua exposição através de quatro subitens: Introdução, Tecnologia, Produção dramática e Grupo.

Inicia na Introdução com a afirmação: “*O psicodrama explora a verdade por meio de métodos dramáticos*”. Que verdade é esta? No decorrer do capítulo, fica claro que, para Moreno, tal questão é respondida ora sendo a verdade histórica da vida de Karl ou a verdade do momento da época, ora sendo a verdade do momento da criação espontânea e do fluxo que articula realidade e fantasia. Ainda na Introdução, Moreno faz uma declaração de princípios em relação ao psicodrama, que podem ser ordenados da seguinte forma: a) criar um dispositivo que seja uma sociedade em miniatura; b) que permita uma catarse de integração, e não apenas análises e entrevistas verbais; c) que permita estruturar eventos interiores e exteriores; d) que permita ir além das ideologias particulares e coletivas e também além do simbólico para atingir um campo que estruture ab-reações, sentimentos e pensamentos em corporificações e personagens concretos. O que podemos comentar desta declaração de princípios? Primeiro (a), grupo como sociedade em miniatura ressalta a necessidade de elaborar conceitos que articulem a especificidade dos acontecimentos intragrupal com a ordem de fenômenos culturais e sociais. Segundo (b), ao valorizar a catarse de integração, retira a ênfase do linguístico puramente verbal e situa-se dentro de um código intersemiótico de expressão e entendimento. Terceiro (c), indica a criação de um dispositivo que articula o interior com o exterior, tanto o intra com o interpsíquico, como o intragrupal com o intergrupalo. Quarto (d), não privilegia uma elaboração lógica (simbólica) a partir de ideologias particulares ou coletivas, mas a partir de um fluxo de acontecimentos que envolva no aqui e agora os membros do grupo em estado de espontaneidade.

No subitem Tecnologia, enfatiza o dispositivo psicodramático como articulador da realidade com a fantasia, do protagonista com o grupo e de diversos códigos de expressão.

No subitem Produção dramática, explicita claramente o eixo de trabalho a partir da produção do protagonista com completa autonomia. Ele privilegia (a pedra angular do processo) o respeito à produção dramática do protagonista, aceitando o seu delírio e trabalhando a partir de dentro do delírio. Moreno relata momentos de confusão criativa em que o grupo parecia ver o próprio Hitler em Karl, ou seja, encampa o delírio de Karl já não mais como estratégia, mas verdadeiramente e momentos nos quais Karl consegue sair do sinistro e defrontar-se com o patético de sua situação (momento de cortar o bigode), estrategicamente encaminhado a partir do corte real de seu bigode e não no como se. Naquele momento, o dispositivo grupal consegue criar algo no aqui e agora mais intenso e forte do que o mundo delirante de Karl, o sociodrama da época ou qualquer interpretação lógica. Neste momento, produz o que Moreno chama de valor inigualável para o progresso da terapia, o contato direto e real entre as pessoas em estado de espontaneidade, não no contexto do como se, mas no contexto grupal. Esse episódio do corte do bigode de Hitler,

que Karl usava, condensa, num momento, o reconhecimento de Karl de sua situação patética. O encaminhamento para um real corte do bigode permite a experimentação de um fato *sui generis* e original para Karl, com uma qualidade dramática muito intensa. Cria um novo sentido a partir da espontaneidade/criatividade do ato.

No subitem o Grupo, Moreno sublinha que o ponto alto das sessões era a intensa participação da plateia, já a partir da segunda sessão, num sociodrama em que Karl foi plateia. O dispositivo grupal então montado permite uma mistura articulada de dois focos de produção, do protagonista Karl e da plateia composta de residentes e da esposa de Karl. Do ponto de vista de Karl, um eixo de produção de dentro para fora, e outro, de fora para dentro. O delírio de Karl transforma-se numa versão da interação do grupo e a própria interação transforma-se numa versão do delírio de Karl. Subsequentemente, as notícias do III Reich transformam-se numa versão das cenas anteriores e vice-versa, numa cadeia infinita.

Na literatura psicodramática, o único texto que conheço que comenta esta joia rara, que é o Psicodrama de Adolf Hitler, é a apresentação da edição brasileira do próprio *Fundamentos do Psicodrama*, de Moreno, escrito por Alfredo Naffah em 1983. Nela, Naffah pergunta-se acerca de qual foi, na verdade, a inovação de Moreno com esse caso. Responde que foi dupla: uma como um método psicoterápico que se antecipa aos modelos antipsiquiátricos, e outra como articulação de fenômenos intrapsíquicos com contradições intersubjetivas e históricas, apontando para relações intrínsecas e essenciais entre subjetividade e história. Pode-se considerar que Moreno não se antecipou só em relação à antipsiquiatria, mas ainda em relação à multiplicação dramática.

A multiplicação dramática retoma o modelo de trabalho do psicodrama de Adolf Hitler e a enriquece, através de diversos conceitos vindos da semiótica e da esquizoanálise (teoria crítica da psicanálise desenvolvida por Deleuze e Guattari, apoiada nos estudos das psicoses).

A seguir, enumero algumas dessas contribuições, sem me deter na sua discussão pormenorizada, com o objetivo de indicar um sentido de investigação possível, que tem sido trilhado por mim.

1- Enriquece a compreensão dos estados espontâneos/criativos através dos conceitos de molar, molecular, encontro a partir da ressonância multiplicadora e da compreensão da mensagem estética como ambígua e autorreflexiva.

2- Possibilita uma possível releitura do conceito de coinconsciente comparando-o com o conceito de inconsciente esquizoanalítico.

3- Análise da produção psicodramática em termos dos eixos linguísticos da metáfora (articuladores de cena) e da metonímia (técnicas básicas do psicodrama).

4- Aponta uma referência para o sentido da cura a partir dos conceitos de sinistro, patético e lúdico (apoiado na conceituação de Freud e Pichon Riviere).

5- Constitui-se numa possível indicação de tratamento para patologias ego-sintônicas e para grupos familiares ou comunitários.

## NOTAS

1 - Trabalho adaptado do capítulo 3.2 do ensaio do mesmo autor, intitulado "Multiplicação dramática, uma poética do psicodrama", apresentado em maio de 1995 na Sociedade de Psicodrama de São Paulo, para obtenção do título de professor supervisor da Federação Brasileira de Psicodrama.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KESSELMAN, H.; PAVLOVSKY, E.; FRYDLEWSKY, L. La obra abierta de Umberto Eco y la multiplicación dramática, pp. 17-28, *In*: PAVLOVSKY, E; KESSELMAN, H; BAREMBLITT, G. *et al. Lo Grupal*. Buenos Aires: Busqueda, 1987.  
MORENO, J. Psicodrama de Adolf Hitler, pp. 207-20. *In*: **Fundamentos do Psicodrama**. São Paulo: Summus, 1983.

## OBRAS CONSULTADAS

FERREIRA, A. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.  
KESSELMAN, H; PAVLOVSKY, E. A. **Multiplicação dramática**. São Paulo: Hucitec, 1991.  
MASCARENHAS, P. Multiplicação dramática, uma poética do psicodrama. Trabalho não publicado apresentado na Sociedade de Psicodrama de São Paulo, 1995.

Endereço:

Comercial

Rua Capote Valente, 432/23

Pinheiros

CEP 05409-001, São Paulo - SP

Tel/fax: (11) 3081-3771

Residencial

Rua Antônio Barletta, 83

Vila Madalena

CEP 05447-040, São Paulo - SP

Tel: (11) 3873-0233

*e-mail*: pedro.mascarenhas@gmail.com